

LÍLIA MORITZ SCHWARCZ

com HELOÍSA PRIETO






O CIRCO DO AMANHÃ

Ilustrações Thereza Rowe



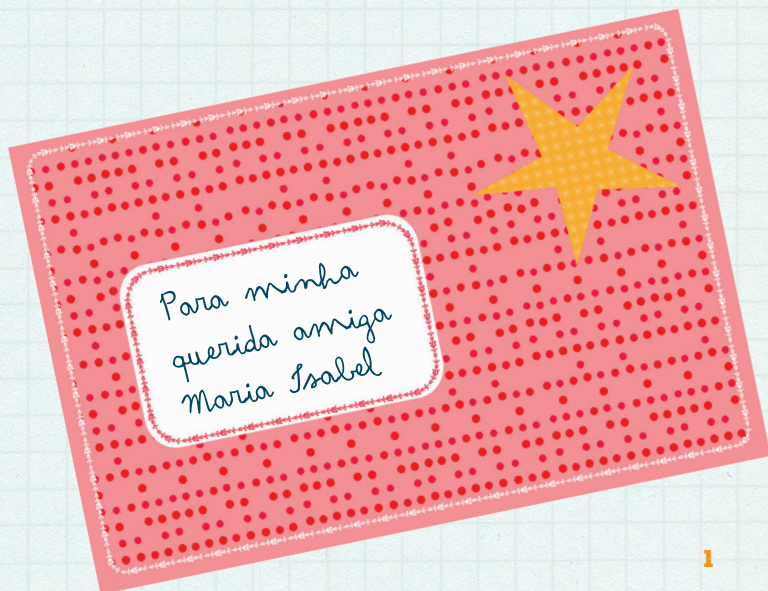
SUGESTÕES
PARA O
TRABALHO
EM SALA DE
AULA


Companhia das Letrinhas



Alice e Maria Isabel são melhores amigas: estudam juntas e moram no mesmo prédio. Maria Isabel cai de cama com faringite e fica de molho na semana em que acontecimentos estranhos ocorrem na escola, envolvendo um novo bedel mal-humorado, com bigode suspeito.

Para não se contagiar com a dor de garganta da amiga, Alice resolve contar tudo o que está acontecendo por cartas, que deixa embaixo da porta do apartamento de Maria Isabel. A amiga responde uma a uma com capricho. Assim, enquanto desvendam o mistério, as duas trocam informações e também receitas, poemas, partituras, adivinhas, dobraduras e muito mais.



1. HISTÓRIA DE FAMÍLIA E DIFERENTES TEMPOS




Apesar de possuírmos origens muito distintas, todos temos nossas histórias familiares. Desde aquelas que criamos para embalar o sono dos filhos, até as que retraçam o percurso dos nossos ancestrais e que são passadas de geração em geração, como um verdadeiro tesouro. Isso porque histórias dão o que falar. Trazem experiências profundamente individuais mesmo sendo coletivas; falam das ascendências e especificidades de cada família; retraçam regiões, credos, imaginários; criam diálogos entre as gerações.

Elas também nos mostram como o presente é recheado de passados — o passado de nossos antepassados, o passado dos grupos com os quais fomos socializados, o passado de nossos pais e nosso próprio passado —, que insistem em voltar traduzidos, relidos e refeitos.

A história do livro *O circo do amanhã* foi criada em família por uma avó e duas netas, que a cada encontro acrescentavam novos detalhes ao vilão — tamanho, roupas, voz e um terrível bigode; faziam heroínas cada vez mais espertas e cheias de planos mirabolantes; inventavam novas situações, viagens e um mundo de aventuras. Como se fosse um caracol, ou mesmo uma espiral, a história se expandia e ganhava vida conforme ia sendo contada e recontada.

Quando foi passada para o papel para virar livro, já havia um enorme repertório à disposição das autoras, que optaram por escolher o tempo — ou a convivência de vários tempos — como um dos temas principais. O circo é, na verdade, uma instituição que serve como metáfora para o passado. Não o circo moderno e tecnológico, que hoje conhecemos. Mas aquele que precisava de muita preparação, adestramento, treinamento (muitas vezes em família); um “tempo” que hoje não temos mais. E o próprio “circo do amanhã” tem como característica fundamental a permanência do passado, já que o grupo garantia sempre voltar no dia seguinte para terminar o espetáculo.

Ora, não há mesmo passado distante do presente, uma vez que são sempre as questões do presente que nos orientam e servem de bússola para retornarmos ao passado. A verdade é que é impossível voltar ao



que já aconteceu de forma totalmente ingênua: é o momento contemporâneo que nos motiva, com seus novos problemas, e nos faz voltar de forma criativa ao passado. Ou seja, a saída não é apenas voltar atrás, mas usar da memória, da nossa história, para recuperar esses “tantos tempos” do tempo presente.



Atividades:

Convide os alunos a coletarem as histórias de família da sua casa e a perguntarem (com as suas questões — do presente) sobre o passado de seus avós, tios e pais.

- Quais eram os medos mais comuns dos avós e pais?
- Quais eram as viagens que mais gostavam de fazer e para onde?
- Os pais trocavam cartas? Como se comunicavam com amigos?
- Quais eram as diversões? Eles iam ao circo?

Em sala de aula, quando trouxerem as respostas, sugira aos alunos que comparem o tempo passado com o presente.



2. HERÓIS E VILÕES



Praticamente toda história tem seu herói (ou heróis) e um vilão caprichado, pois, na hora de se criar narrativas, umas das bases mais usadas é aquela que se pauta na separação entre positivos e negativos. Tanto as duas heroínas, Maria Isabel e Alice, como o principal vilão do *Circo do amanhã* — Edgar — foram criados a partir desse pilar. São pautados numa forma de literatura e numa convenção da história que nos devolveu sempre essas figuras relacionais, porque uma não vive sem a outra: não há um bom herói sem um excelente vilão e não é raro que os segundos sejam mais interessantes que os primeiros.

Mas sabemos que nada é tão fácil e dividido. Vivemos com nossas contradições e ambiguidades, e sempre carregamos um pouco dos dois lados dentro de nós.





Atividades:

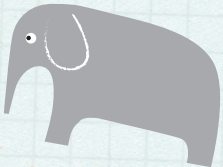

Conversar sobre as “contradições” presentes na vida dos alunos os ajudará a não serem tão severos consigo próprios e a enfrentar dificuldades sem tantas idealizações. Ajudará, ainda, a entender como os famosos vilões, ao menos os ficcionais, são, não poucas vezes, mais divertidos, mais originais e inesperados.

Questões para discussão:

- Onde se situa a fronteira que define o vilão e o herói?
- O que seria um anti-herói?
- Compreender é aceitar?
- Qual a diferença entre ser o herói e ser o protagonista?

Sugira aos alunos que criem personagens vilões. Pode ser um bom pretexto para conversar sobre os medos, os julgamentos e as ambiguidades que fazem parte do nosso cotidiano.

Faça com que os alunos definam a personalidade desse anti-herói, o local onde mora, seus costumes, seus amigos e inimigos. Todos os detalhes são valiosos.



3. GÊNERO EPISTOLAR



A troca de cartas e mensagens sempre foi importante na história da humanidade. Provocou ou evitou guerras e conflitos, selou contratos de Estado, referendou casamentos, animou tertúlias filosóficas, consolidou acordos e testamentos.


Sua importância era tal que virou um gênero literário, com grandes livros escritos apenas contando com a troca de cartas. O termo epístola vem do grego antigo e quer dizer “mensagem” ou “ordem”. Na tradição latina recebeu o sentido de mensagem escrita, ou ainda de carta.

Definida desde Cícero como “um diálogo entre ausentes”, a epístola ganhou um lugar destacado entre os gêneros em prosa da Antiguidade. O gênero era também entendido como “a metade de um diálogo”, e, com o tempo, adiciona outro significado: o de produção letrada, sendo também colecionada por profissionais chamados, justamente, de “epistolários”.

No entanto, essa troca acelerada de cartas só virou gênero propriamente dito no Renascimento, quando é reconhecida como uma forma perfeita para realizar a conversação entre amigos ausentes.

A partir dos séculos XVI e XVII, a redação das cartas vira um costume regular do homem cortês, mas também uma prática de retórica baseada nos preceitos da antiga oratória. Já à época, dava-se relevo à arte envolvida no gênero. Isto é, vencer a dificuldade de mostrar por meio de cartas, e com palavras, o ânimo do escritor, dirigindo-se a um parceiro por vezes ocultos. O fato é que a partir de então, e sobretudo nos séculos XVIII e XIX, o romance epistolar conheceu seu auge de popularidade.


Muitos foram os romances epistolares que se tornaram famosos no Ocidente, e citamos apenas alguns para ilustrar o nosso argumento: *Cartas persas*, publicado em 1721 por Montesquieu e que traz um relato fictício de dois visitantes; *A Nova Heloísa*, do filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau (1761); *Os sofrimentos do jovem Werther*, de autoria de Johann Wolfgang von Goethe e que fez furor quando publicado em 1774; *Ligações perigosas*, que tratava justamente da troca de cartas entre nobres e é de autoria de Choderlos de Laclos; *Memórias de duas jovens*



esposas, um romance de Honoré de Balzac, da verve realista, lançado em 1841; o terrível *Drácula*, de Bram Stoker, datado de 1897, e também uma série de livros mais recentes como *A caixa preta*, do israelense Amós Oz; ou o assustador *Carrie, a estranha*, de Stephen King.

A principal característica de uma narrativa epistolar é a diversidade de pontos de vista. No caso de *Drácula*, por exemplo, o leitor entra em contato com as suspeitas e descrições de diferentes personagens sem jamais ler textos do punho do próprio vampiro. O mesmo acontece em nossa história. Edgard, o vilão, é o grande mistério a ser desvendado.

Atividades:



A partir da leitura do livro, discuta com seus alunos as seguintes questões, relacionadas ao gênero epistolar:

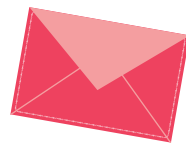
- Cartas são semelhantes a mensagens virtuais?

Este pode ser um bom desafio de reflexão e criação em sala de aula. Quais as diferenças entre os suportes de comunicação? De início, quando as cartas apenas rivalizavam com os e-mails, discutia-se a impulsividade. Quer dizer, para enviar uma carta é preciso tempo, certeza e coragem. Principalmente se a missiva estiver manuscrita. Atualmente, com a mensagem telegráfica, resumida, cria-se uma linguagem minimalista que em muito difere da carta dos séculos anteriores.

- Quando se está diante do perigo, que tipo de mensagem enviar?
- Cartas são documentos?
- Como lidar com a questão da confidência, da inviolabilidade?

Que tal reunir novas duplas e pedir que eles escrevam um romance cujo enredo principal vai sendo construído a partir das cartas? O desafio é manter — como diz o gênero — o diálogo entre os dois autores das missivas e fazer com que eles sejam os condutores da narrativa. Aventura, suspense, romance, humor... Nossos novos escritores é que decidem!

4. TROCANDO CARTAS E TROCANDO TEMPO



Já dissemos que o vilão não existe sem o herói. Mas nesta história, na falta de uma, temos duas heroínas que trocam todo tipo de comunicação: cartas, bilhetes, receitas de biscoito, de remédio, partituras, mensagens, poemas, parlendas, provérbios, projéteis, sinais e assim por diante.

Numa época inundada pela internet, em que as comunicações andam cada vez mais cifradas e restritas a um tipo de veículo, perdemos a capacidade e “o tempo” de outros tipos de encontro — como aquele proporcionado pela troca de cartas, por exemplo. Antes, era preciso prever o conteúdo, encontrar um bom papel, caprichar na letra, passar a limpo o texto para evitar os garranchos e riscos, envelopar, ir ao correio, comprar um selo e postar.

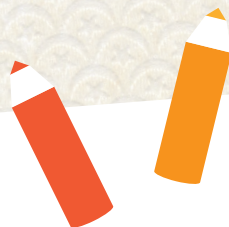
O processo todo exigia preparação e era muito mais lento do que o envio de um email, um sms e agora, cada vez mais, um WhatsApp.

Não que nossas heroínas sejam contra o seu tempo. Ao contrário: mensagens carregam essas várias formas de prender o tempo a partir da escrita e, quanto mais recursos, tanto melhor.



Atividades:

Divida a turma em duplas que trocarão cartas, mas com um detalhe: elas serão enviadas por correio. As crianças entenderão, por meio da correspondência epistolar, como funcionavam esses outros tempos de que falamos. Esse percurso vai ajudar seus alunos a entender como andamos num momento acelerado e veloz.





**RESPEITÁVEL PÚBLICO,
ATENÇÃO, ATENÇÃO!**

O incrível **CÍRCO DO AMANHÃ**
acaba de chegar na sua cidade, e ele
vem cheio de aventuras sensacionais!
Palhaços aposentados, bailarinas
disfarçadas, vilões bigodudos, meni-
nas espertas, garçonetes peludas,
fusas tigrados, cartas, parlendas,
receitas, adivinhas, partituras, do-
braduras, receitas e muito mais!

Não percam,
apresentação única...

AMANHÃ!